

«O DIABO ANDA À SOLTA»: O CULTO A SÃO BARTOLOMEU NA FOZ DO DOURO*

MARISA PEREIRA SANTOS**

Resumo: A 24 de agosto, dia em que São Bartolomeu encarna nas águas e o Diabo anda à solta, os fiéis de Oitocentos dirigiam-se às praias da Foz do Douro para o banho santo, na procura de proteção contra males de pele, gaguez ou efeitos demoníacos. Através dele, expugnavam-se os pecados da pele anterior para dar lugar a uma alma e corpo renovados. Este ato de carácter apotropaico e profilático foi transferido para a prática cultural que hoje conhecemos: o Cortejo dos Trajes de Papel de São Bartolomeu. Esta manifestação de carácter lúdico e espontâneo teve origem na antiga romaria, mantendo a memória do despojar dos trajes nas águas.

Partindo da imagem de São Bartolomeu da Igreja de São João da Foz do Douro, pretendemos neste estudo descortinar a evolução do culto, as práticas e rituais a que estava associada e de que forma pode ser entendida como suporte de permeabilidades culturais, reforçando a necessidade do estudo da imagem no seu contexto.

Palavras-chave: São Bartolomeu; Foz do Douro; Cortejo dos Trajes de Papel; Banho santo; Iconografia.

Abstract: On the 24th of August, the day when Saint Bartholomew takes possession of the waters and the Devil is on the loose, the believers of the 19th century headed to the beaches of Foz do Douro for the holy bath, in search of protection against skin diseases, stuttering or demonic effects. Through the saint, the sins of the former skin were expelled to make way for a renewed soul and body. This act of apotropaic and prophylactic nature was transferred to the cultural practice that we know today: the Cortejo dos Trajes de Papel de São Bartolomeu. This playful and spontaneous manifestation originated in the ancient religious festival, keeping the memory of the stripping of costumes in the waters.

Based on the image of Saint Bartholomew from the parish church of São João da Foz do Douro, we intend in this study to reveal the evolution of the cult, the practices and rituals to which it was associated and how it can be understood as a support for cultural permeabilities, reinforcing the need of the study of the image in its context.

Keywords: Saint Bartholomew; Foz do Douro; Cortejo dos Trajes de Papel; Holy bath; Iconography.

CONSIDERAÇÕES PRÉVIAS

A informação fornecida pelos Evangelhos Canónicos (Mateus 10, 3; Marcos 3, 18; Lucas 6, 14) sobre a vida e martírio do apóstolo São Bartolomeu pouco contribuíram para o desenvolvimento da sua iconografia. Seria nos Escritos Apócrifos, no *Evangelho de Bartolomeu*, na sua *Passio* (século VIII) e na *Legenda Áurea* de Tiago de Voragine (século XIII), que a vida do apóstolo ganharia relevância narrativa, sendo fixadas as passagens da sua ação exorcista sobre os demónios durante a sua

* Artigo integrado na investigação de doutoramento intitulada *S. João Baptista da Foz do Douro: Território, Devoção e Práticas Religiosas e Culturais (séculos XV-XX)*, que conta com o apoio de uma bolsa de doutoramento da FCT (SFRH/BD/145807/2019).

** CITCEM/FLUP. Email: marisafup02@gmail.com.

demanda evangelizadora pela Índia¹. O manuscrito flamengo (século XV) da Biblioteca Real de Bruxelas (n.º 1116) ajuda a justificar o poder do santo sobre as entidades demoníacas, através do relato do seu rapto em criança e consequente substituição por um demónio. Juntamente com o manuscrito em latim (século XV) da Biblioteca da Universidade de Pádua (n.º 1622) estes textos são o reflexo da tradição devocional a este santo². A título de exemplo, 12 das passagens da vida do mártir podem ser encontradas nas faces do túmulo de D. Pedro no Mosteiro de Alcobaça. Programas tão detalhados sobre a vida deste apóstolo são muito raros, o que confere a esta obra uma importância singular para o estudo deste culto no contexto nacional e internacional³.

Para a compreensão deste culto no contexto nacional apontam-se as obras *A crença dos povos de Valo do Neiva no Banho Santo* [...] (1986), de Manuel Pereira; *A Romaria de S. Bartolomeu do Mar* (1988), de Franquelim Soares e *O Diabo à solta na romaria de S. Bartolomeu do Mar* (1994), de Carlindo Vieira. Estes textos, que abordam casos de estudo concretos, reforçam a singularidade da festividade em honra do santo na Foz do Douro, que no século XX viria a dar lugar a uma manifestação cultural e espontânea, o Cortejo dos Trajes de Papel, que se realiza no domingo próximo ao dia 24 de agosto. Este Cortejo carece de estudo aprofundado, sendo mencionado em *Aspectos populares da antiga romaria a São Bartolomeu* [...] (1964), de Guilherme Felgueiras; *Tradições Populares do Porto* (1989), de Helder Pacheco e *Monografia da Foz: memórias e factos* (2008), de Óscar Figueiro. É através da análise de notícias nos periódicos «O Progresso da Foz», «O Comércio do Porto», «Jornal de Notícias», «O Século» e «Diário do Norte», que é possível traçar a diacronia do Cortejo.

A nossa investigação apoia-se na documentação do Arquivo Paroquial da Foz do Douro (APFD), nomeadamente nos inventários e registos de receitas/despesas do século XIX da Confraria do Santíssimo Sacramento (CSS), bem como no Arquivo Privado da Família Picarote (APFP)⁴. Este é composto por correspondência, registos de despesas, fotografias, recortes de jornais, manuscritos e um trabalho académico não publicado, realizado por Ana Monteiro⁵, no qual surge uma entrevista realizada pela autora a Joaquim Picarote. Salientamos a entrevista, por nós realizada, a Feliciano Sampaio, antigo membro da Comissão de Festas de São Bartolomeu.

Partindo do estudo da imagem de São Bartolomeu da Igreja da Foz do Douro pretendemos descortinar a evolução do culto, as práticas a que estava associada e

1 MUELA, 2003: 40-41.

2 SOUSA, ROSAS, 2014: 86; RÉAU, 2000: 181.

3 Sobre o tema ver SOUSA, ROSAS, 2014: 85.

4 O APFP está à guarda de Manuel Picarote.

5 MONTEIRO, 1995.

de que forma pode ser entendida como suporte de permeabilidades culturais, traçando a possível origem e desenvolvimento do *Cortejo dos Trajes de Papel de São Bartolomeu*.

1. O CULTO A SÃO BARTOLOMEU

A *Legenda Áurea* traduz o nome Bartolomeu como «filho daquele que suspende a água»⁶, enquanto Miguel Salas Parrilla (2007) situa a sua origem no grego *Bartholomaios*, correspondendo ao patronímico *Bar y Tholomay*, «filho de Tolomeo»⁷. Por sua vez, São João nomeia o apóstolo como *Natanael*, «presente de Deus».

São Bartolomeu é invocado⁸ contra a gaguez, enfermidades nervosas, recorrentemente associadas a ações demoníacas, e males de pele. Tal está relacionado com os relatos da sua passagem pela Índia, quando livrou o corpo e a alma da filha do rei Polímio da possessão demoníaca e foi condenado pelo rei Astiages⁹, que «mandou vergastar o Apóstolo e esfolá-lo vivo»¹⁰. À luz deste martírio, «vividus decoriatus», São Bartolomeu passa a ser o patrono dos alfaiates e das corporações de manufaturas de peles¹¹, enquanto a tradição oriental assegura que foi crucificado, decapitado ou afogado¹².

O culto ao apóstolo foi introduzido na Península Ibérica no século IX, uma vez que o *Sacramentário de Toledo* regista uma missa em honra de São Bartolomeu no dia da sua festividade¹³. Este costume generaliza-se no século X, época em que o culto se difunde, muito graças à trasladação das suas relíquias de Benevente para Roma, por ordem de Otão III. As primeiras referências à sua festividade surgem no *Calendário de Córdova* (c. 961) e posteriormente no Santoral do *Missal de Mateus* e no *Livro das Kalendas* da Sé de Coimbra¹⁴.

São Bartolomeu é festejado a 24 de agosto, dia em que encarna nas águas e o banho santo vale por sete¹⁵. A prática do banho é já ancestral¹⁶. Prende-se com crenças relacionadas com a virtude regeneradora da água, presente nos rituais em

⁶ VORAGINE, 2004: 108.

⁷ SALAS PARRILLA, 2007: 2.

⁸ Sobre o tema ver VASCONCELOS, 1933.

⁹ MUELA, 2003: 40.

¹⁰ VORAGINE, 2004: 110.

¹¹ RÉAU, 2000: 181.

¹² RÉAU, 2000: 180.

¹³ FÁBREGA GRAU, 1953: 222-225.

¹⁴ FERNANDES, BARROCA, 2015: 99.

¹⁵ A relação de São Bartolomeu com o elemento água poderá derivar da sua condição de pescador, como também do relato oriental do seu afogamento e do arremesso das suas relíquias ao mar pelos Persas em Lípari (580) (SOARES, 1988: 24).

¹⁶ CHEVALIER, GHEERBRANT, 2010: 113.

honra de Esculápio¹⁷, Ártemis ou Poseidon¹⁸, realizados em fontes, rios ou mar. Durante mais de 3 mil anos, no Mediterrâneo e no Extremo Oriente, mulheres estéreis e casais procuravam no banho um meio de cura e fertilidade¹⁹.

O Cristianismo retoma este costume, no batismo e enquanto ritual regenerador e curativo. Os peregrinos ingleses chegados a Santiago de Compostela tomavam um banho de mar e queimavam as roupas da caminhada, vestindo trajes limpos antes de embarcarem em Finisterra.

A literatura refere, constantemente, o banho santo de crianças em dia de São Bartolomeu, por estas serem especialmente vulneráveis a ações demoníacas, «justificando la proliferación de una serie de creencias y rituales que se han mantenido hasta nuestros días, entre los que se incluyen los tan ancestrales y peculiares *baños santos*»²⁰. Também nas festas em honra de São João Batista, a 24 de junho (natividade) e 29 de agosto (decapitação), existe a crença de que o santo encarna nas águas, curando várias doenças através do banho. O facto de São João Batista ser orago da Foz do Douro reforça a importância destes banhos na tradição local.

1.1. A IMAGEM DE SÃO BARTOLOMEU NA IGREJA DA FOZ DO DOURO

A diversidade de relatos contribui para uma variedade de atributos iconográficos. São Bartolomeu pode surgir carregando a sua pele suspensa num dos braços, envergando um cutelo, instrumento do seu martírio, ou com o demónio acorrentado e subjugado aos seus pés²¹. A *Legenda Áurea* descreve-o com:

*cabelo negro e crespo, rosto branco, olhos grandes, nariz mediano e direito, barba abundante com poucas brancas, estrutura média; veste uma túnica branca, de mangas curtas com riscas púrpura, um manto branco com pedras preciosas também púrpuras em cada canto. Há vinte anos que as suas vestes e sandálias não se gastam nem se sujam*²².

A imagem do apóstolo da Igreja da Foz do Douro corresponde à sua iconografia habitual: a de um homem de cabelos e barbas escuras, rosto pálido e sereno. É representado com o demónio antropomórfico aos seus pés, erguendo um cutelo na mão direita (Fig. 1). À imagem associam-se registos de oferendas, como as «ofertas feitas á imagem de S. Bartholomeu no dia 25 de agosto 6.840»²³.

¹⁷ A esta divindade sacrificavam-se galos. Em São Bartolomeu do Mar era comum as ofertas de galos, sobretudo negros (SOARES, 1988: 10-33).

¹⁸ SOARES, 1988: 34-37.

¹⁹ CHEVALIER, GHEERBRANT, 2010: 113.

²⁰ SOUSA, ROSAS, 2014: 88.

²¹ Sobre a iconografia de São Bartolomeu ver MOESINGER, 1887; BERESFORD, 2020.

²² VORAGINE, 2004: 118.

²³ APFD. *Fundo Paroquial*, liv.27, fl. 23v, 1895.

A 21 de agosto de 1835, o jornal «A Vedeta da Liberdade» descreve a trasladação das imagens de Nossa Senhora da Luz e de São Bartolomeu da antiga Capela da Nossa Senhora da Luz para a igreja paroquial. A notícia confirma a existência de um culto a São Bartolomeu já ancorado na primeira metade do século XIX, associando à imagem uma festividade:

*as Imagens da Senhora da Luz, e de S. Bartholomeu, outrora veneradas na Capella da Senhora da Luz, em consequencia da ruina desta, forão trasladadas para a Igreja Parochial da respectiva freguezia da Foz do Douro: as suas festividades continuão a ser celebradas nos dias competentes*²⁴.

Sabemos que a atual imagem não corresponde à que foi trasladada. O tombo da Confraria do Santíssimo Sacramento (CSS) de 1891 indica «Uma dita [imagem] de São Bartholomeu, nova comprada em 1887»²⁵. As fontes do século XIX silenciam-se quanto à existência de duas imagens do apóstolo. Por sua vez, o inventário da CSS, de 1920, dá conta de «Uma imagem de São Bartholomeu»²⁶ no altar de Nossa Senhora da Graça, onde ainda hoje se encontra, e «Uma imagem de São Bartholomeu pequena»²⁷, na secretaria. Uma nota do inventário da CSS, de 1903, refere a existência de um «São Bartholomeu (reliquia)»²⁸. A pequena imagem do santo apon-tada em 1920 é, certamente, a referida como «reliquia» em 1903. A mesma não chegou até nós, mas é possível que essa fosse a proveniente da Capela de Nossa Senhora da Luz.

A aquisição de uma nova imagem no final do século XIX, a sua associação a objetos em metais preciosos, bem como o registo de oferendas no dia da sua festividade são o reflexo da crescente aceitação e afirmação do culto a São Bartolomeu na Foz do Douro.



Fig. 1. Imagem de São Bartolomeu, 1887. Igreja da Foz do Douro
Fonte: Marisa Santos

²⁴ *Anuncia-se*, 1835: 4.

²⁵ APFD. *Fundo Paroquial*, liv.3, fl. 24, 1891.

²⁶ APFD. *Fundo Paroquial*, liv.5, fl. 15v, 1920.

²⁷ APFD. *Fundo Paroquial*, liv.5, fl. 20, 1920.

²⁸ APFD. *Fundo Paroquial*, liv.4, fl.18v, 1903.

1.2. A FESTIVIDADE DE SÃO BARTOLOMEU NA FOZ DO DOURO (SÉCULOS XIX E XX)

No século XIX a romaria de São Bartolomeu era uma realidade na «Foz do Douro, Matosinhos, Leça-da-Palmeira e Perafita», sendo estas manifestações devocionais conhecidas pelas suas «chocarreiras usanças e tradições, entre outras o miraculoso “banho-santo” ou de “sete mergulhos”»²⁹.

As fontes consultadas não abordam as despesas com a festividade na Foz do Douro, apontando apenas as ofertas doadas: «Ofertas au Sam Bartholomeu em dinheiro 7.535 e 3 frangos»³⁰ e «Esmolas a São Bartholomeu no dia da sua rumaria 8.130 rs.»³¹. O registo mais antigo relativo à festividade data de 1856:

*A concorrência alli foi extraordinarissima. Omnibus, seges, char-à-bancs, carroções e barcos iam apinhados de povo. Não houve no Porto um só destes meios de transporte que ficasse hontem na inactividade. Alem disto o numero de romeiros a pé foi imenso*³².

Este relato reforça a importância desta festividade no contexto nortenho, que chamava a si um vasto número de crentes, característica recorrentemente apontada nas notícias da época. Alberto Pimentel (1893) descreve o dia de São Bartolomeu como um acontecimento «alegremente notável entre os camponeses dos arrabaldes do Porto por ser aquele em que vão tomar o banho milagroso nas águas do oceano»³³.

Em outras localidades, como São Bartolomeu do Mar (Esposende)³⁴, há registos de que, «Ao darem a competente esmola, os devotos colocam a imagem de S. Bartolomeu na cabeça, beijam-na e recolocam-na com toda a devoção e respeito»³⁵. Em Cavez (Cabeceiras de Basto) os crentes recebem um toque da imagem do santo na sua cabeça, beijando-a de seguida. Desconhecemos descrições destas práticas para a Foz do Douro.

A documentação do século XIX aponta que a romaria ocupava a «Cantareira, Passeio Alegre, largo do Castello e rua da Senhora da Luz»³⁶. Óscar Figueiro situa a antiga festividade junto ao Rio da Bica, local conhecido como Largo da Feira, sem indicar a origem da informação³⁷. Se, de facto, esta festividade abarcava o Largo do Rio da Bica, poderá relacionar-se com a fonte existente no local.

²⁹ FELGUEIRAS, 1964: 268-269.

³⁰ APFD. *Fundo Paroquial*, liv.26, fl. 2, 1889.

³¹ APFD. *Fundo Paroquial*, liv.25, fl. 10v, 1890.

³² *Romaria*, 1856: 2.

³³ PIMENTEL, 1893: 163-164.

³⁴ Sobre o tema ver SOARES, 1988.

³⁵ SOARES, 1988: 10.

³⁶ «O Comércio do Porto», 25 de agosto de 1862: 2.

³⁷ FANGUEIRO, 2008: 108.

Encontramos a associação a fontes em São Bartolomeu do Mar³⁸ e em Cavez³⁹, onde ainda hoje os peregrinos bebem o líquido milagroso, lavam as mãos, olhos, braços e pernas, recolhem água para os familiares que não se conseguiram deslocar e mergulham as crianças de corpo inteiro⁴⁰.

A partir de 1907, foi nomeada uma comissão de festas para a organização do arraial da Foz do Douro: «resolveu constituir-se em comissão para festejar com o maior brilho [...] a imagem do santo»⁴¹. A Praia dos Banhos, hoje Praia do Ourigo, «achava-se caprichosamente engalanada com bandeiras de diversas cores, que os banheiros fizeram espalhar pelas diferentes fillas de barracas»⁴². A música era assegurada por uma banda, geralmente a Banda Marcial da Foz, enquanto o espetáculo pirotécnico animava as ruas na noite da véspera⁴³ e a Feira das Melancias no dia do santo⁴⁴ (Fig. 2) à semelhança do que acontece, ainda hoje, com a Feira das Cebolas de Penafiel.



Fig. 2. Bilhete postal ilustrado da Feira das Melancias. Foz do Douro, c. 1909

Fonte: Imagem cedida ao jornal «O Progresso da Foz» por Rachel Barro. «O Progresso da Foz». Ano VI, 56 (out. 1999) 7

³⁸ SOARES, 1988: 32.

³⁹ Em Cavez a ligação à fonte santa parece relacionar-se com o poder exorcista deste apóstolo e pela associação do enxofre ao inferno.

⁴⁰ Informação retirada da comunicação *Exorcizing the devil: festivities in honour to St. Bartholomew in Portugal* (2018), da autoria de Ana Cristina Sousa, apresentada na International Conference on Intangible Heritage *Walking with Saints: Protection, Devotion and Civic Identity. The Role of the Landscape*.

⁴¹ *S. Bartholomeu*, 1907: 2.

⁴² *S. Bartholomeu*, 1910: 1.

⁴³ *Festa de S. Bartholomeu*, 1909: 3.

⁴⁴ XPTO, *O Imparcial da Foz*, 28 ago. 1904 in ROZA, 1999: 7.

O último registo conhecido desta festividade religiosa data de 1921: «a 28 d'este mez se realizaria, como nos annos anteriores, a festividade de São Bartholomeu»⁴⁵. Contudo, as ofertas à imagem mantêm-se até 1943⁴⁶.

2. POSSÍVEL ORIGEM DO CORTEJO DOS TRAJES DE PAPEL DA FOZ DO DOURO

Apesar da carência de fontes escritas, a tradição oral aponta que em 1929/1930, o banheiro Costa Padeiro, antigo embarcadiço, ter-se-á inspirado na tradição do julgamento da travessia do Equador e iniciado o costume do banho em vestes de papel, no qual jovens rapazes vestidos de jornal se dirigiam ao mar para entreter a assistência que se reunia na praia.

Existem várias versões do ritual do Equador, que marcava o momento da integração dos noviços na comunidade marítima, não existindo certezas quanto à sua origem. É possível que tenha surgido no seio dos navegadores franceses do século XVI, segundo relato da viagem à Sumatra dos franceses Jean e Raoul Parmentier, a 11 de maio de 1529⁴⁷.

Sabe-se que no século XVI os noviços eram amarrados com cordas e mergulhados no mar, sendo possível escapar através de um pagamento de vinho⁴⁸. Claude d'Abbeville descreve em 1613 o mergulho dos jovens, três vezes de cabeça para baixo, dentro de um barril com água do mar. Era-lhes depois fornecida uma senha, intransmissível, que usariam numa próxima viagem⁴⁹. Em 1803, James Tuckey dá conta da assídua visita de Neptuno, sua mulher e filho, personagens caracterizadas com recurso a esfregões, galhos e ganchos⁵⁰, que encenavam o julgamento dos noviços, rapando-lhes a barba e cobrindo-os de água salgada. Segundo a tradição oral, Costa Padeiro terá assistido a este ritual, desconhecendo-se se terá participado. A criação de fatos para o Cortejo poderá derivar destas encenações.

O uso dos trajes de papel é difícil de explicar. A população da Foz alega que a escolha do papel deriva do seu uso no ritual do Equador, informação não confirmada por qualquer dos autores consultados.

Do ponto de vista devocional e simbólico, o papel é comparado à pele despojada de São Bartolomeu, mas, acima de tudo, ao poder profilático e regenerador das águas. Os figurinos podem simbolizar todas as coisas más deixadas para trás e destruídas pelo carácter purificador das águas: dos «trajos que foram criados com tanto carinho, engenho e trabalho, apenas ficaram sobre as águas pedaços de

45 APFD. *Fundo Paroquial*, liv.52, fl. 27, 1921.

46 APFD. *Fundo Paroquial*, liv.130, fl. 3, 1943.

47 RODRIGUES, 2013: 238-243.

48 LÉRY, [1578] in RODRIGUES, 2013: 244.

49 D'ABBEVILLE, 1975: 46.

50 RODRIGUES, 2013: 249.

papel que, lentamente, se foram desfazendo»⁵¹. Por exemplo, em Cavez e de acordo com fontes orais, os pais que banhavam as crianças no rio deixavam ir uma peça de roupa suja, num gesto simbólico que garantia a exorcização dos males⁵². Este ato alude claramente à purificação do corpo e da alma.

Joaquim Picarote relata a existência de uma clivagem, em meados do século XX, entre pobres e ricos devido ao emprego do papel nos fatos. Eram os mais abastados que tinham possibilidade de adquirir o papel, enquanto os mais necessitados desfilavam com trajes feitos de jornal ou com as roupas de uso diário, recorrentemente rotas⁵³. Inicialmente os trajes eram elaborados pelas mãos hábeis das mães ou parentes próximas dos rapazes que participavam de forma espontânea. Ainda hoje todos os trajes são confeccionados exclusivamente em papel (Fig. 3).



Fig. 3. Confeção dos trajes de papel para o cortejo de 2019
Fonte: Marisa Santos, 2019

Feliciano Sampaio, antigo membro da Comissão de Festas, relata que Costa Padeiro organizava o banho no dia da Festa do Banheiro, que marcava o encerramento da época balnear, sendo escolhidos trajes que lembravam casamentos e batizados, ou seja, roupas cerimoniais.

A 30 de agosto de 1965 o jornal «O Século» apresenta a Festa do Banheiro como sinónimo da festividade de São Bartolomeu: «São tradicionais as festas a S. Bartolomeu (Festa do Banheiro)»⁵⁴. Assim, é possível que a Festa do Banheiro tenha começado por ser uma manifestação independente do dia de São Bartolomeu, durante a primeira metade do século XX, misturando-se as duas festividades a partir de meados da centúria passada.

⁵¹ *Festas de Verão*, 1980: 1.

⁵² Informação retirada da comunicação *Exorcizing the devil: festivities in honour to St. Bartholomew in Portugal* (2018), da autoria de Ana Cristina Sousa.

⁵³ MONTEIRO, 1995: 56.

⁵⁴ *Milhares de Estrangeiros e Nacionais assistiram ao cortejo*, 1965: 14.

O primeiro Cortejo em dia de São Bartolomeu realizou-se em 1952, com a temática do casamento, por iniciativa dos senhores Silva e Santos, que desconhecemos se eram banheiros. Em 1953 ocorre o desfile do batizado e, entre 1954 e 1955, o dos «piratas» (Fig. 4), sobre o qual Feliciano Sampaio recorda a encenação de uma invasão vinda do lado do mar: «Os homens vestidos de papel vinham pelo mar em barcos, que eram dos banheiros. Era o “Anda Sempre” e o “Vale quem tem”»⁵⁵. Infere-se que após 1954/1955 ocorreu um interregno. Feliciano Sampaio conta que: «quando não havia os festejos, os rapazes brincavam indo para a água vestidos». Este ato confirma uma tradição enraizada na comunidade, retomada por 1963 por Joaquim Picarote.



Fig. 4. Figurantes do Cortejo dos Trajes de Papel, c. 1954-1955

Fonte: Arquivo Privado Família Picarote

2.1. A ERA DE JOAQUIM PICAROTE

A 26 de agosto de 1963 o «Jornal de Notícias» anuncia o renascer do Cortejo dos Trajes de Papel, de temática livre, impulsionado «pelo sr. Joaquim Dias Picarote, que conseguiu fazer com que a Foz do Douro aderisse a essa extravagante homenagem a S. Bartolomeu»⁵⁶. A Figura 5 apresenta-nos Joaquim Picarote, vestido de rei, confirmando a sua participação nos festejos, não só na organização, como também enquanto figurante.

⁵⁵ Entrevista a Feliciano Sampaio.

⁵⁶ *160 pessoas em trajes de papel* [...], 1963.

A organização do Cortejo implicava a existência de uma comissão, constituída por «Joaquim Picarote/Paulino Barbosa/Manuel Ferreira/Feliciano Sampaio/Edgar Fogaça Lages/João Coimbra», bem como de patrocínios dos estabelecimentos locais, como a Confeitaria da Foz ou a Alfaiataria Miranda⁵⁷ e a recolha de donativos porta a porta⁵⁸. Apelava-se à interajuda entre as coletividades⁵⁹ e à ação da Câmara Municipal do Porto na cedência de material como «cadeiras e toldos»⁶⁰. Eram necessárias autorizações do Departamento dos Portos do Douro e Leixões para o banho e para o lançamento de foguetes junto ao cais de Felgueiras⁶¹.

O Cortejo de 1963 iniciou-se no Cine Foz, junto à Esplanada do Castelo, percorreu o Passeio Alegre até aos obeliscos, virou para a Avenida D. Carlos I, seguiu pela Rua da Senhora da Luz e pela Rua Coronel Raúl Peres, onde se encontrava a tribuna, desceu a Rua de São Bartolomeu e entrou na Praia do Ourigo. Apenas na edição de 1980, organizada pela Junta de Freguesia, foi alterado o local do banho para a Praia das Pastoras, sob o pretexto das melhores correntes, mas «a população não gostou e revoltou-se»⁶². O percurso foi-se mantendo ao longo dos tempos, salvaguardando o facto de o Cortejo poder ser iniciado no Castelo da Foz (1967) ou na zona da Cantareira, como ocorre atualmente.

O Cortejo abria com um conjunto musical, como a Fanfara dos Bombeiros Voluntários da Areosa (1967), a Charanga dos Bombeiros Voluntários de Matosinhos-Leça (1968) ou a Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Leixões (1979), seguindo-se os quadros alegóricos subordinados a uma temática, como a do vinho do Porto (1967). Esta edição contou com a participação de carros alegóricos e com 19 quadros, destacando-se a representação de «camponeses da região duriense», «os típicos carros-de-bois» e um «deus Baco» (Fig. 6)⁶³. A encerrar o cortejo ia, habitualmente, a Banda Marcial da Foz.



Fig. 5. Joaquim Picarote no Cortejo dos Trajes de Papel, 1967

Fonte: Arquivo Privado Família Picarote

⁵⁷ APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 1964.

⁵⁸ Entrevista a Feliciano Sampaio.

⁵⁹ APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.] 1966.

⁶⁰ APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 10 de agosto de 1968.

⁶¹ APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 27 de agosto de 1967.

⁶² Entrevista a Feliciano Sampaio.

⁶³ *Foz do Douro: Cortejo dos «Trajes de Papel»*, 1967: 8.

O Cortejo de 1965⁶⁴, dedicado à História de Portugal, contou com crianças «vestidas com as cores da bandeira nacional», denominadas de «Porta-bandeiras», interpretadas por «Albino; Adolfo; Manuel Picarote; Berto (Rochinha); Paulo (Lolas); Quim Luz e Ernesto»⁶⁵; D. Afonso Henriques e os mouros, bem como o quadro do Milagre das Rosas, cujo D. Dinis era o «Nelinho» e a Rainha Santa o «Malão»⁶⁶ (Fig. 7).



Fig. 6. Cortejo dos Trajes de Papel dedicado ao vinho do Porto: o deus Baco, 1967

Fonte: Arquivo Privado Família Picarote, pasta 1967



Fig. 7. Quadro do «Milagre das Rosas», Cortejo dos Trajes de Papel de 1965

Fonte: Arquivo Privado Família Picarote, pasta 1965

Nos registos de inscrição apenas surgem nomes masculinos, que Joaquim Picarote justifica pelo facto de «no fim, íamos para a água e para estarmos todos na brincadeira e à vontade as mulheres não podiam participar!»⁶⁷. Contudo a população confirma que na década de 60 já eram admitidas mulheres.

Ao Cortejo associava-se um cartaz cultural que contava com música, fogo de artifício e, em 1968, com a «Feira dos Melões na Esplanada do Castelo»⁶⁸. Nesse mesmo ano foi emitido um requerimento ao bispo do Porto para que fosse «autorizada uma missa campal, no Jardim do Passeio Alegre, às 19 horas da tarde no dia 24 de Agosto»⁶⁹. Tal pedido foi declinado por se considerar que «não se pode assegurar o mínimo de condições de recolhimento e respeito que devem cercar a celebração do Santo Sacrifício»⁷⁰. A Igreja desvinculou-se desta iniciativa popular e cultural, num claro divórcio entre o sacro e o lúdico.

⁶⁴ Esta edição teve a cobertura da Tokyo Broadcasting System, com reportagem de Kei Takahashi (*A Festa a S. Bartolomeu na Foz do Douro*, 1965).

⁶⁵ APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 1965.

⁶⁶ *Milhares de Estrangeiros e Nacionais* [...], 1965: 14.

⁶⁷ MOTA, 1992.

⁶⁸ APFP. *Fundo Privado*, documento avulso 2, [s.cx./s.mç.], 1968.

⁶⁹ APFP. *Fundo Privado*, documento avulso 3, [s.cx./s.mç.], 31 de julho de 1968.

⁷⁰ APFP. *Fundo Privado*, documento avulso 3, [s.cx./s.mç.], 31 de julho de 1968.

Ainda hoje o Cortejo dos Trajes de Papel é conhecido como uma «curiosa manifestação popular, rica de simbolismo e colorida»⁷¹ (Fig. 8). Tudo termina com o banho santo, em que cada participante, «indiferente à frialdade da água e perante o gáudio de muitas centenas de pessoas», entra na água para «esta simbólica “apoteose”» (Fig. 9)⁷².



Fig. 8. Cortejo dos Trajes de Papel: vista geral da edição de 2019
Fonte: Marisa Santos, 2019



Fig. 9. Banho santo do Cortejo dos Trajes de Papel de 1965
Fonte: Arquivo Privado Família Picarote, pasta «Banho Santo»

2.2. O CORTEJO DOS TRAJES DE PAPEL DE SÃO BARTOLOMEU: UMA PRÁTICA ATUAL

A partir de 1979/1980 o Cortejo ficou a cargo da Junta de Freguesia, que «delegou a organização nos organismos culturais e recreativos»⁷³. Em 1980 os quadros alegóricos foram divididos pelas coletividades inspiradas no tema «Ilhas, Províncias e Cidades»: os Açores foram representados pelo Orfeão da Foz, o Alentejo pelo Paraíso Sport Club, o Algarve por Manuel J. Silva (Malão), Barcelos pelo Clube de Ténis da Foz, Coimbra pelos Galitos da Foz, Douro por Augusto Almeida, Madeira pela Associação de Moradores do Bairro da Pasteleira (AMBP), o Minho por Maria Almeida e Santo Tirso pela Escola de Santo António⁷⁴.

Entre 1988 e 1992 dá-se um novo interregno, até que a Academia de Danças e Cantares do Norte de Portugal (ADCNP) reavivou a tradição durante as comemorações dos 100 Anos do Jardim do Passeio Alegre. A partir de 1992, a Banda Marcial da Foz do Douro passou a abrir o Cortejo.

A partir da edição 2000 as coletividades passam a escolher a temática que representam, destacando-se a homenagem do Centro Operário de Cultura e Recreio da Foz do Douro ao Hospital de Santo António, a recriação da antiga festividade do apóstolo pelo Orfeão da Feira e o retrato das décadas de 40 e 50 pela ADCNP⁷⁵.

⁷¹ Foz do Douro: *Cortejo dos «Trajes de Papel»*, 1967: 1.

⁷² *O S. Bartolomeu na F. do Douro*, 1968: 4.

⁷³ *Festas de Verão*, 1980: 1.

⁷⁴ APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 1979.

⁷⁵ SANHUDO, 2000: 9.

O cartaz cultural destas edições contava com a Feira de Artesanato no Jardim do Passeio Alegre⁷⁶, com eventos desportivos como a «corrida de S. Bartolomeu»⁷⁷, espetáculos musicais e, por vezes, missas solenes, na igreja paroquial ou na Praia do Ourigo (1999)⁷⁸. Compreendemos que a partir desta época a anterior cisão entre o religioso e o lúdico passa a ser mais ténue, reavivando-se uma prática anterior.

O Cortejo dos Trajes de Papel, ao longo da sua diacronia, adquiriu um carácter identitário para a comunidade local, debatendo-se a criação de um espaço museológico para a exposição dos fatos: o Museu do Traje de Papel. Há uma clara valorização do trabalho manual e conteúdo material desta tradição local. A criação dos trajes implica uma logística prolongada no tempo e o recurso a «metros de papel crepe, transformados minuciosamente em trajes coloridos»⁷⁹. Hermínia Barbosa começou a guardar fatos em 1992. Nas suas palavras: «não resisti a guardar um dos fatos, salvando-o de desaparecer [...]. Agora, todos os anos retiro um dos trajes porque a minha ideia é a de um dia mais tarde ter espólio suficiente para um museu»⁸⁰. Apesar do esforço ainda não existe nenhum espaço atribuído.

As últimas edições foram fortemente impulsionadas pela Junta da União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, na pessoa do presidente Dr. Nuno Ortigão, formado em Ciências Históricas pela Universidade Portucalense (1988) e ativo participante no Cortejo (Fig. 10).



Fig. 10. Dr. Nuno Ortigão como São Bartolomeu no Cortejo dos Trajes de Papel de 2019: entrada nas águas da Praia do Ourigo
Fonte: Fotografia da autoria de Ana Cristina Sousa

76 C.S., 2001: 8-9.

77 OLIVEIRA, 1997: 3.

78 SANHUDO, 1999: 7.

79 SANHUDO, 2000: 9.

80 MONTEIRO, 1995: 55.

Ao visitarmos o local de preparação dos trajes em 2019 constatamos a continuidade da escolha de programas temáticos que, nos últimos anos, estão diretamente relacionados com a história e figuras representativas da cidade do Porto. Por exemplo, na edição de 2019, o quadro da Junta de União de Freguesias homenageou Sophia de Mello Breyner Andresen, enquanto a AMBP lembrou os «75 anos do Mercado da Foz».

A logística de preparação do Cortejo é complicada e estende-se por largo meses. Conta com a escolha do tema, o desenho dos fatos, a confecção dos trajes e a prova pelos figurantes. Muitas costureiras locais e alunos de Design de Moda juntam-se na confecção dos fatos em papel crepe, em cores variadas, fazendo do Cortejo um espetáculo de cor. A realidade atual contrasta com as primeiras edições, em que os fatos eram monocromáticos devido ao uso do papel de jornal. O processo de criação e preparação dos trajes e acessórios, tudo feito em papel, congrega num mesmo espaço pessoas de todas as idades, que se empenham para manter viva a tradição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da imagem de São Bartolomeu da Igreja da Foz do Douro é possível descortinarmos a evolução deste culto e as suas práticas devocionais, no contexto da Foz do Douro. Esta imagem devocional é a memória material da festividade a que este afeta no século XIX, sendo entendida como suporte de permeabilidades culturais ao longo do tempo. A necessidade da aquisição de uma nova imagem (1887), bem como os registos de oferendas até 1943, reforçam a existência deste culto no decurso dos tempos. Desconhecemos elementos que nos indiquem o comitente e autoria da imagem, o que nos permitiria a realização de um estudo mais aprofundado sobre a mesma.

A festividade em honra de São Bartolomeu no século XIX agregava fé e tradição. Antes dos crentes se juntarem para participarem na Feira das Melancias, já o banho santo havia sido tomado. A crença popular vincula a algumas fontes, rios e mar, um poder regenerador e profilático, promovendo a cura de doenças e outros males. Esta prática é anterior ao Cristianismo e encontra-se profundamente enraizada na memória coletiva.

O Cortejo dos Trajes de Papel de São Bartolomeu funde o religioso e o profano numa celebração feita pela comunidade e para a comunidade. O Cortejo evoluiu de um ato de carácter espontâneo, interligando elementos do ritual religioso, como o banho santo, com as práticas lúdicas, aparentemente introduzidas pelo antigo embarcadiço Costa Padeiro. Inspirado na caracterização de personagens do ritual do Equador, este banheiro, terá incentivado os jovens rapazes a vestirem-se de papel, representando piratas ou noivos. O uso deste material na

criação de fatos é difícil de justificar, podendo estar associado ao seu baixo custo e facilidade de acesso, mas também à lembrança ritualística do banho santo e do despojamento de vestes tão presente na cultura ocidental.

O banho santo que hoje conhecemos é a reminiscência de uma prática de origem pagã, profundamente enraizada na cultura ocidental como um ritual purificador e de prevenção contra os mais diversos males. Os trajes, que se desfazem nas águas, associam-se claramente ao despojamento de uma pele anterior, deixando que as águas levem a condição passada e deixem o crente renascer purificado, tal como acontece em Cavez. O banho e o despojamento das vestes relacionam-se com um ato ritualístico envolto num poder profilático.

O Cortejo como hoje o conhecemos foi fortemente impulsionado pela Comissão de Festas de São Bartolomeu e por Joaquim Picarote a partir da década de 60, sendo o resultado do cruzamento de práticas religiosas e manifestações lúdicas, onde a procissão e o banho se relacionam com trajes feitos de papel, cujas histórias narradas se perdem nas águas do mar. Os figurantes preenchem de cor as principais artérias da Foz Velha, o que contrasta com a realidade dos primeiros cortejos da década de 50, que juntavam jovens vestidos de papel de jornal, numa dinâmica monocromática. Atualmente o cortejo é organizado pela União de Freguesias de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde, ganhando novo folgo a partir de 2013 pela ação do Dr. Nuno Ortigão.

Assim, o estudo da imagem de São Bartolomeu, bem como do Cortejo dos Trajes de Papel, contribui para a reflexão e contextualização de uma herança devocional e patrimonial no contexto da comunidade da Foz do Douro.

FONTES

Arquivo Paroquial da Foz do Douro

- APFD. *Actas da CSS*, liv. 52, fl. 27, [1901-1907].
- APFD. *Diário da CSS*, liv. 27, fl. 23v, [1895].
- APFD. *Diário n.º 5*, liv. 25, fls. 10v, 22v-23v, [1890].
- APFD. *Fundo Paroquial*, liv.3, fl.24, 1891.
- APFD. *Fundo Paroquial*, liv.4, fl.18v, 1903.
- APFD. *Fundo Paroquial*, liv.5, fls.15v, 20, 1920.
- APFD. *Fundo Paroquial*, liv.25, fl.10v, 1890.
- APFD. *Fundo Paroquial*, liv.26, fl.2, 1889.
- APFD. *Fundo Paroquial*, liv.27, fl. 23v, 1895.
- APFD. *Fundo Paroquial*, liv.52, fl. 27, 1921.
- APFD. *Fundo Paroquial*, liv.130, fl. 3, 1943.
- APFD. *Livro de Receita e Despesa da CSS*, liv. 26, fl. 2, [1889].
- APFD. *Livro do tombo da CSS*, liv. 3, fls. 24-44v, [1891].
- APFD. *Livro de tombo da CSS*, liv. 4, fls. 18-18v, [1903].
- APFD. *Livro de tombo da CSS*, liv. 5, fls. 15v-26, [1920].
- APFD. *Receita da fabriqueira n.º 2*, liv. 130, fl. 3, [1943].

Arquivo Privado da Família Picarote

- APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 27 de agosto de 1967. (*Autorização do Departamento dos Portos do Douro e Leixões*).
- APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 1965. (*Lista dos participantes*).
- APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 1964. (*Organização*).
- APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 1966. (*Organização*).
- APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 1979. (*Organização*).
- APFP. *Fundo Privado*, documento avulso, [s.cx./s.mç.], 10 de agosto de 1968. (*Pedido à CMP*).
- APFP. *Fundo Privado*, documento avulso 3, [s.cx./s.mç.], 31 de julho de 1968. (*Pedido de autorização de missa campal*).
- APFP. *Fundo Privado*, documento avulso 2, [s.cx./s.mç.], 1968. (*Programa*).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 160 PESSOAS em trajes de papel desfilaram ontem na Foz do Douro. «Jornal de Notícias» (26 ago. 1963). Consultado a partir de um recorte de jornal do APFP.
- A FESTA a S. Bartolomeu na Foz do Douro. «Jornal de Notícias» (30 ago. 1965) [s.p.]. Consultado a partir de um recorte de jornal do APFP.
- ANUNCIA-SE. «A Vedeta da Liberdade». 96 (21 ago. 1835) 4.
- BERESFORD, Andrew M. (2020). *Sacred Skin: The Legend of St. Bartholomew in Spanish Art and Literature*. Leiden: Koninklijke Brill NV.
- C. S. (2001). *E a festa de S. Bartolomeu da Foz saiu de novo à rua*. «O Progresso da Foz». Ano VIII. 79/80 (set./out.) 8-9.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain (2010). *Dicionário de símbolos*. Córdova: Teorema.
- D'ABBEVILLE, Claude (1975). *História da missão dos padres capuchinhos na ilha do Maranhão*. São Paulo: Edusp.
- FÁBREGA GRAU, Angel (1953). *Pasionário Hispanico (Siglos VII-XI)*. Barcelona: CSIC.
- FANGUEIRO, Óscar (2008). *Monografia da Foz: memórias e factos*. Porto: ADCNP.
- FELGUEIRAS, Guilherme (1964). *Aspectos populares da antiga romaria a São Bartolomeu em Leça, Matosinhos e praias nortenhas*. «O Tripeiro». VI Série. Ano IV (9 set. 1964) 268-269.
- FERNANDES, Carla Varela; BARROCA, Mário Jorge (2015). *Uma imagem de S. Bartolomeu do MNAA: questões em torno da estética, iconografia e importância do culto nos anos do Românico*. In FERNANDES, Carla Varela, coord. *Imagens e Liturgia na Idade Média*. Lisboa: Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, pp. 89-108.
- FESTA de S. Bartholomeu. «O Progresso da Foz». Ano III. 114 (20 ago. 1909) 3.
- FESTAS de Verão. «O Progresso da Foz». Ano II. 22 (ago. 1980) 1.
- FOZ DO DOURO: Cortejo dos «Trajos de Papel». «Diário do Norte». Ano XIX. 39 (27 ago. 1967) 1 e 8.
- MILHARES de Estrangeiros e Nacionais assistiram ao cortejo de fantasias de papel das festas de S. Bartolomeu, na Foz do Douro. «O Século». (30 ago. 1965) 14.
- MOESINGER, Georgio (1887). *Vita et martyrium sancti Bartholomaei Apostoli, ex sinceris fontibus armeniis in linguam latinam conversa*. Salzburg: Libreria Societatis Catholicae.
- MONTEIRO, Ana Cristina Casais de Brito (1995). *Seminário de História da Arte: Iconografia de São Bartolomeu*. Porto: Universidade Portucalense. Trabalho académico não publicado. APFP.
- MOTA, Cristina (1992). *Joaquim Picarote recorda origens do cortejo. Festa a S. Bartolomeu: uma tradição com 60 anos*. «O Comércio do Porto» (20 ago. 1992). Consultado a partir de um recorte de jornal do APFP.

- MUELA, Juan (2003). *Iconografía de los Santos*. Madrid: Ediciones Akal.
- O S. BARTOLOMEU na F. do Douro. «Diário do Norte». Ano XX. 37 (25 ago. 1968) 1 e 4.
- OLIVEIRA, Avelino (1997). *Festas de São Bartolomeu*. «Progresso da Foz». Ano IV. 31 (set. 1997) 3.
- PIMENTEL, Alberto (1893). *O Porto há trinta anos*. Porto: Magalhães & Moniz Editores.
- RÉAU, Louis (2000). *Iconografía del arte cristiano: Iconografía de los santos de la A a la F*. Barcelona: Ediciones del Serbal, vol. 3.
- RODRIGUES, Jaime (2013). *Um mundo novo no Atlântico: marinheiros e ritos de passagem na linha do equador, séculos XV-XX*. «Revista Brasileira de História». 33:65, 235-276.
- ROMARIA. «O Comércio do Porto». Ano II. 193 (25 ago. 1856) 2.
- ROZA, Rui Souza (1999). *Postais que falam sobre... a Feira de Melancias*. «O Progresso da Foz». Ano VI. 56 (out. 1999) 7.
- S. BARTHOLOMEU. «O Progresso da Foz». Ano I. 12 (25 ago. 1907) 2.
- S. BARTHOLOMEU. «O Progresso da Foz». Ano III. 167 (4 set. 1910) 1.
- SALAS PARRILLA, Miguel (2007). *San Bartolomé Apóstol y los dichos de las danzantas de La Almarcha (Cuenca)*. «Culturas Populares. Revista Electrónica». 5 (jul.-dez.).
- SANHUDO, Cláudia (1999). *500 anos da descoberta do Brasil num cortejo de trajes de papel... Foz do Douro em peso assistiu à missa campal na praia do Ourigo. Um mundo de artesãos no jardim do Passeio Alegre*. «O Progresso da Foz». Ano VI. 55. (set. 1999) 7.
- SANHUDO, Cláudia (2000). *Foz vestiu-se de papel em dia de banho santo*. «O Progresso da Foz». Ano VI. 67 (set. 2000) 9.
- SOARES, Franquelim (1988). *A Romaria de S. Bartolomeu do Mar*. Esposende: Edição do Centro Social da Junta de Mar.
- SOUSA, Ana Cristina; ROSAS, Lúcia Maria (2014). *La Iconografía de San Bartolomé en el seculcro de D. Pedro I (Monasterio de Alcobaça, Portugal)*. «Revista Digital de Iconografía Medieval». VI:14, 81-104.
- VASCONCELOS, José (1933). *Etnografía portuguesa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- VORAGINE, Tiago de (2004). *Legenda Áurea*. Porto: Civilização, vol. II.